

Psicoterapia de orientação psicanalítica on-line com crianças e adolescentes em tempos de isolamento social

ELISA CARDOSO AZEVEDO¹
CRISTIANE FRIEDRICH FEIL²
HELENA DA SILVEIRA RITER³
ROBERTA IANKILEVICH GOLBERT⁴
LAURA MARAZITA LOTTI⁵
LAURA WOLF DE SOUZA⁶
LUÍSA DALL'AGNOL⁷
LUÍSA FEIJÓ PINHEIRO MELLO⁸
SABRINA MENGER⁹

RESUMO: O isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 levou os psicoterapeutas à psicoterapia on-line. Contudo, há pouca literatura sobre atendimento psicanalítico on-line com crianças e adolescentes. Este estudo objetivou descrever e discutir a experiência de atendimento psicoterápico on-line dos terapeutas vinculados ao CEAPIA, com enfoque na infância e na adolescência. Participaram 101 psicoterapeutas de orientação psicanalítica, que responderam a um *survey* sobre atendimento on-line de crianças e de adolescentes. Foram realizadas análises descritivas e de frequência. A maioria

¹ Psicóloga, Doutora em Psicologia (UFRGS) e Psicoterapeuta da Infância e da adolescência (CEAPIA) – lielisa@gmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia (PUCRS), Especialista em Psicoterapia da Infância e da adolescência (CEAPIA) e docente da FACCAT – cristianefeil@gmail.com

³ Psicóloga, mestranda em Psicologia (UFRGS) e Psicoterapeuta da Infância e da adolescência (CEAPIA) – helenariter@gmail.com

⁴ Psicóloga, aluna do curso de Psicoterapia da infância e da adolescência (CEAPIA) – roberta.golbert@gmail.com

⁵ Psicóloga, aluna do curso de Psicoterapia da infância e da adolescência (CEAPIA) – lauramrzlotti@gmail.com

⁶ Psicóloga, aluna do curso de Psicoterapia da infância e da adolescência (CEAPIA) – laurawolfpsi@gmail.com

⁷ Psicóloga, aluna do curso de Psicoterapia da infância e da adolescência (CEAPIA) – luisafoche@gmail.com

⁸ Psicóloga, Psicoterapeuta da infância e da adolescência (CEAPIA) – luisamello.psic@gmail.com

⁹ Psicóloga, aluna do Curso de Psicoterapia da infância e da adolescência (CEAPIA) – sabrinamenger@gmail.com

dos terapeutas reportou estar atendendo crianças e adolescentes on-line e acreditar que essa modalidade funciona com esse público. Foram observadas particularidades quanto à participação dos responsáveis nesses atendimentos. À luz dos resultados e da literatura psicanalítica, a flexibilidade do terapeuta parece ser fundamental para as adaptações necessárias do *setting*. Ainda, observar as peculiaridades das crianças e dos adolescentes pode ser importante para essas adaptações. Mostra-se necessário o desenvolvimento de outros estudos nesse tema.

PALAVRAS-CHAVE: intervenção on-line; COVID-19; psicanálise.

Online psychoanalytic psychotherapy with children an adolescents in times of social-isolation

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic and its social-isolating consequences have led psychotherapists to offer online treatment. However, there is little scholarly work available about childhood and adolescence psychoanalytical clinic. This research aimed to discuss the online, childhood-and-adolescence-focused psychotherapeutic experience undergone by CEAPIA – affiliated therapists. 101 psychotherapists under psychoanalytical training were contemplated in this study, answering a survey about the online treatment of children and teenagers. Descriptive and frequency-based analysis were drawn. The majority of therapists is seeing young patients and finds the online médium to be effective for this public. Issues were reported regarding the parents' participation in these consultations. The results of this study, supported by psychoanalytic literature, indicate that the therapist's flexibility is paramount in a successful change of clinical setting. Furthermore, observing the singularities of each young patient can enhance the transitional process and the necessary adjustments it entails. New studies on this topic are strongly encouraged.

KEYWORDS: internet-based intervention; COVID-19; psychoanalysis

Introdução

Em dezembro de 2019, um novo vírus, o SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, emergiu em Wuhan, na China. Em poucos meses, evoluiu para uma situação de pandemia, exigindo dos governos planos de contingência para frear o vírus. Sem remédios eficazes ou vacina, instauraram-se regimes de distanciamento social (WHO, 2020). Assim, a prática psicoterápica, calcada no encontro em um *setting* específico para atendimento, foi bruscamente afetada. Sem a possibilidade do encontro presencial, os atendimentos on-line apresentaram-se como uma alternativa para dar continuidade aos tratamentos (CRP, 2020).

A prática de psicoterapia a distância teve início na década de 50, por telefone, (Scharff, 2012) e sofreu forte oposição. Acreditava-se que haveria um comprometimento do atendimento, visto que se perderiam as comunicações não-verbais dos pacientes e a segurança do ambiente para a realização dos encontros, sendo inviável estabelecer um *setting* terapêutico. Ademais, levantaram-se as dificuldades em relação a emergências e a como manejá-las a distância (Pieta & Gomes, 2014).

O avanço tecnológico, com o advento das chamadas de vídeo em tempo real, fez com que a realização de sessões pela internet se tornasse uma realidade. Atualmente, as tecnologias estão cada vez mais presentes e não devem excluir o modelo clássico presencial, mas sim possibilitar uma nova modalidade de psicoterapia, que também permite acolher o sofrimento (Ulkovski, Silva & Ribeiro, 2017).

No contexto internacional, atendimentos on-line já estão bem estabelecidos e são apoiados em estudos empíricos que reforçam sua efetividade (Barak, Hen, Boniel-Nissim, & Shapira, 2008; Cartreine, Ahern, & Locke, 2010; Proudfoot et al., 2011). Diferentes abordagens de psicoterapia vêm sendo praticadas on-line, com predominância de estudos cognitivo-comportamentais (Cuijpers, Donker, van Straten & Andersson, 2010; Morland, Heynes, Mackintosh, Resik & Chard, 2011). No cenário brasileiro, as pesquisas sobre psicoterapia on-line ainda são recentes (Pieta & Gomes, 2014; Pieta & Gomes, 2017; Siegmund, Janzen, Barbosa & Gauer, 2015).

Visando a regular as práticas pelos meios tecnológicos em nosso país, o Conselho Federal de Psicologia implementou a Resolução nº 011/2012. Esta, contudo, permitia apenas serviços pontuais e restringia a psicoterapia ao uso em pesquisas. Já na Resolução nº 11/2018, a psicoterapia e mais serviços na modalidade on-line passaram a ser permitidos, exigindo apenas um cadastro do profissional.

Mais recentemente, em virtude do distanciamento social, surgiu uma nova resolução que regulamenta os serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia de COVID-19 (Resolução nº 04/2020). Reforça-se, porém, que, para realizar essa prática, toda oferta de atendimentos on-line deve estar fundamentada em conhecimentos técnicos e científicos. Os psicólogos devem se sentir capacitados para oferecer atendimento on-line nas condições produzidas pela pandemia de COVID-19, utilizando princípios, técnicas e conhecimentos reconhecidamente fundamentados na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional (CRPRS, 2020).

Para que o atendimento na modalidade on-line seja viável, é imprescindível que existam cuidados em relação ao sigilo e a um *setting* seguro. No consultório, a preocupação do analista gira em torno da sua conduta pessoal e dos cuidados com o isolamento acústico do espaço, por exemplo (Moura, 2020). Já no *setting* on-line, há riscos e perigos reais em função dos atendimentos acontecerem dentro desse espaço de virtualidade. Por isso, os cuidados do terapeuta e do paciente devem ser maiores. Para Moura (2020), ainda há preocupações relacionadas à troca de informações sigilosas e à quebra de confidencialidade, que, no contexto on-line, são passíveis de serem hackeadas e roubadas. Nesse sentido, na psicoterapia on-line, temos mais um desafio quanto à confiabilidade da ferramenta de comunicação utilizada, já que é de responsabilidade do terapeuta que o sigilo seja preservado. Por isso, é importante que os profissionais se protejam usando

aplicativos criptografados. Sugere-se que as fantasias do paciente em relação ao sigilo sejam discutidas e que combinações sejam feitas quanto ao ambiente em que serão realizadas as sessões (Crestana, 2015).

Novos desafios se impõem quando se pensa nas especificidades do atendimento on-line de crianças e de adolescentes. Orientações recentes (APA, 2020) destacam a importância de que esse público tenha acesso a atendimento psicológico, especialmente durante essa situação de emergência. Como a técnica utilizada pela psicanálise no tratamento de crianças, baseia-se na caixa de brinquedos como representante do mundo interno infantil, com materiais lúdicos e brinquedos adequados a cada faixa etária (Aberastury 1972/2004), adaptações mostram-se necessárias. Por se tratar de um *setting* diferente do consultório, é possível que as crianças se distraiam com os estímulos de sua casa. Assim, é fundamental combinar que as sessões sejam realizadas em um espaço sem maiores interferências externas, a fim de preservar o sigilo. Também é importante refletir sobre a participação ou não dos responsáveis nas sessões. Além disso, recomenda-se disponibilizar um espaço de escuta aos cuidadores, proporcionando apoio às famílias, que estão lidando com os impactos do isolamento seja a nível emocional, econômico ou social (APA, 2020; Seager van Dyk, Kroll, Martinez, Emerson & Burch, 2020).

Freud (1914/1969) salientou o seu desejo de que futuros pesquisadores viessem a complementar e a ampliar a psicanálise, referindo-se a ela como uma ciência dinâmica e aberta a novas formulações. Ao longo de sua história, a técnica psicanalítica sofreu inúmeras transformações propostas por diferentes pensadores, em função da demanda da clínica de cada época e das situações de realidade que surgiram, exigindo adaptações da técnica standard (Ferenczi, 1928/1992; Klein 1961/1973; Winnicott, 1971/1975).

Ainda, observa-se que as especificidades de atendimento on-line com crianças e adolescentes recebem menos atenção na literatura em geral, em comparação aos estudos com adultos (Slone, Reese & McClellan, 2012). Por isso, mostra-se necessário preencher essa lacuna científica. Sendo assim, este artigo tem como objetivo descrever e discutir a experiência de atendimento psicoterápico on-line dos terapeutas vinculados ao CEAPIA no contexto de distanciamento social, com enfoque nas especificidades da infância e da adolescência.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 101 psicoterapeutas de orientação analítica vinculados ao Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e da Adolescência (CEAPIA), uma clínica-escola na cidade de Porto Alegre. Os profissionais eram psicoterapeutas que realizam curso de formação em psicoterapia de orientação psicanalítica, além de psicoterapeutas mais

experientes, como preceptores e supervisores da instituição. Estes participantes tinham idade média de 39,37 anos (DP: 12,92), sendo que 94,1% eram mulheres, e possuíam em média 14,03 anos (DP: 11,33) de experiência profissional em psicoterapia.

Delineamento

Este estudo possui um delineamento exploratório, descritivo e quantitativo.

Instrumentos

Questionário sobre experiência de isolamento social e de atendimento psicoterápico on-line: O questionário foi elaborado pela comissão de pesquisa a fim de acessar dados quanto à experiência de atendimento psicoterápico on-line no contexto de isolamento social em função da pandemia de COVID-19. O instrumento foi composto por 22 questões objetivas e abordou dados sociodemográficos, além de perguntas sobre o isolamento social do terapeuta, sobre a experiência de atendimentos on-line (antes e durante o isolamento social), sobre a manutenção de atendimentos on-line após a pandemia e sobre o suporte institucional para os atendimentos.

Questionário sobre experiências no atendimento on-line de crianças e de adolescentes: Com a finalidade de investigar as experiências e as opiniões dos psicoterapeutas a respeito do atendimento on-line de crianças e de adolescentes, a comissão de pesquisa desenvolveu um questionário composto por 14 afirmações (sendo sete sobre o atendimento de crianças e sete sobre o atendimento de adolescentes) a respeito do atendimento on-line de crianças e de adolescentes, cujas opções de resposta eram: Concordo, Discordo e Não tive essa experiência. Essas questões abordaram tanto a experiência de atendimento dos psicoterapeutas que atendem pacientes no ambulatório do CEAPIA, quanto no consultório privado.

Procedimentos

A pesquisa foi divulgada pela comissão de pesquisa da instituição por meio de um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e do e-mail institucional. Ao acessar o *survey*, os membros da instituição eram convidados a participar da pesquisa por um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e precisavam confirmar seu aceite. A coleta de dados ocorreu de 20 de abril a 08 de maio de 2020, durante o período de isolamento social em Porto Alegre.

Análise de dados

A análise dos dados foi conduzida no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 18. A fim de descrever a amostra e a experiência de psicoterapia on-line dos participantes, foram realizadas análises descritivas e de frequência.

Resultados

No momento da coleta de dados, 95% dos participantes relatou estar em isolamento social, mas com atividades de estudo e/ou de trabalho a distância. Quanto ao período em isolamento, 71,3% relatou estar em quarentena entre um e dois meses e 27,7% entre 15 e 30 dias.

Quanto à experiência de atendimentos on-line antes da pandemia, 59,4% dos participantes relatou já ter realizado esse tipo de atendimento, independentemente do público. No entanto, destes, apenas 35% atendia on-line de forma recorrente, enquanto o restante (65%) realizava atendimentos a distância apenas em situações pontuais.

Apesar desse panorama anterior à pandemia, 98% dos profissionais propuseram atendimentos on-line para os seus pacientes em função do isolamento social. Desses participantes, 65% ofereceram para todos os pacientes e 35% ofereceram apenas para os casos que avaliaram haver indicação para essa modalidade de atendimento. Quanto ao local dos atendimentos, 93,1% dos profissionais referiram realizar as sessões em suas próprias casas.

Por fim, os terapeutas foram questionados quanto às suas experiências nos atendimentos on-line de crianças e de adolescentes, e a grande maioria relatou acreditar ser possível esse tipo de atendimento com esses públicos (Figuras 1 e 2). Do total da amostra, 75,2% relatou ter atendido ou estar atendendo crianças on-line e 93,1% reportou ter atendido ou estar atendendo adolescentes on-line.

Figura 1

Experiência de atendimento on-line de crianças

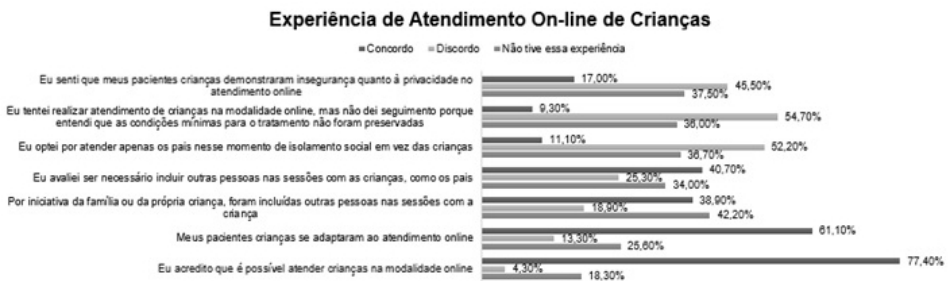
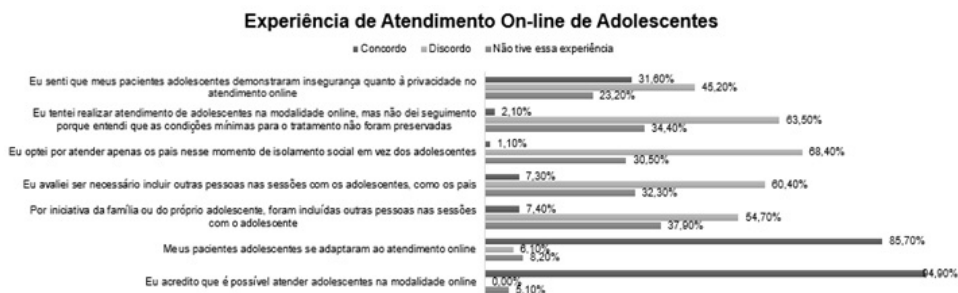


Figura 2

Experiência de atendimento on-line de adolescentes



Discussão

Os resultados do estudo sugerem uma aderência quase total dos terapeutas à modalidade on-line (98%). Pode-se pensar que a necessidade de isolamento social, a partir da pandemia de COVID-19, exigiu dos psicoterapeutas adaptações para viabilização da continuidade dos atendimentos. Ainda, é plausível considerar que esses ajustes possuam especificidades no que diz respeito ao tratamento de crianças e de adolescentes.

Quanto a essas adaptações, a predominância dos atendimentos realizados na casa dos próprios profissionais mostrou-se bastante expressiva (93,1%), evidenciando uma mudança específica do período de isolamento social. Nesse sentido, é relevante considerar que o profissional precisará dar conta também de possíveis intercorrências do ambiente domiciliar. Conforme referem Pieta e Gomes (2014), uma das dificuldades do atendimento on-line pode ser a maior probabilidade de desconcentração do terapeuta. Além disso, uma minoria dos terapeutas (35%) realizava atendimentos on-line de forma regular antes da pandemia. Pode-se pensar, portanto, que, além do desconhecido que a vivência de uma pandemia promove, os terapeutas, em sua maioria, também precisaram se deparar com uma modalidade de atendimento pouco utilizada por eles anteriormente, exigindo, assim, maior flexibilidade, criatividade e capacidade de adaptação para manutenção do espaço terapêutico.

O atendimento na modalidade on-line com crianças representa um desafio ainda maior. Isso porque, embora a maior parte dos terapeutas (77,4%) acredite que é possível atender crianças on-line, ainda não se encontra na literatura psicanalítica relatos sobre psicoterapia infantil nesse formato. Gutfreind (2020) refere que o atendimento on-line em psicanálise era algo que, aos poucos, vinha sendo considerado, mas sempre com ressalvas. A

psicoterapia de crianças a distância, todavia, era impensável. O autor relata que, com a pandemia, a realidade dos atendimentos on-line mudou, porém ainda sem teoria suficiente para sustentá-la.

Apesar da viabilidade, a experiência clínica tem mostrado que é necessário fazer algumas adaptações da técnica infantil para o ambiente virtual. Quanto ao brincar, se a caixa é um representante do mundo interno do paciente (Aberastury, 1972/2004), como atender sem ela? Sendo o tratamento em casa, abrem-se possibilidades: a criança pode utilizar os seus próprios brinquedos na sessão e o seu quarto pode se tornar um recurso lúdico a ser utilizado, por exemplo. Cabe ao terapeuta a disponibilidade e a criatividade para acomodar o novo *setting*. Ferenczi (1928/1992) já havia teorizado a respeito da elasticidade da técnica psicanalítica. O autor faz uma analogia da postura do terapeuta com uma tira elástica, discorrendo sobre o quanto este deve se moldar às tendências do paciente, sem abandonar a tração na direção de suas próprias opiniões, isto é, mantendo a assimetria, o *setting* interno. Pode-se pensar que, na situação atual, a pandemia tenha tido essa função de “puxar a tira elástica” dos terapeutas, fazendo com que estes se vissem sob uma perspectiva nova de *setting*, imposta pelo isolamento.

Outra adaptação bastante referida pelos terapeutas foi a inclusão de outras pessoas nos atendimentos das crianças (40,7%). Na psicanálise, a participação dos pais na psicoterapia infantil é um tema controverso. Historicamente, diferentes escolas teóricas se posicionaram a favor de um papel mais ou menos intervencionista em relação aos pais no tratamento dos seus filhos e apresentaram soluções divergentes para essa questão (Freud, 1909/1969; Freud, A., 1927/1971; Klein, 1927/1996). Atualmente, há uma tendência de considerar necessária a inclusão dos pais e de valorizar a participação deles no tratamento da criança (Oliveira, Gastaud, & Ramires, 2016). Psicanalistas contemporâneos acreditam que, no momento atual, é difícil imaginar uma criança sendo atendida em psicoterapia de orientação analítica sem o acompanhamento sistemático dos pais, não sendo rara a possibilidade de realizar sessões familiares (Glenn, Sabot, & Bernstein, 1996; Zimerman, 2004).

Especialmente neste momento de crise, tem sido fundamental prestar um suporte aos responsáveis, já que as famílias tiveram que reorganizar suas rotinas em função do isolamento (APA, 2020; Seager van Dyk et al., 2020). Inclusive, alguns terapeutas desta amostra (38,9%) referiram que a iniciativa de incluir outras pessoas nas sessões infantis partiu da família ou do próprio paciente. Pode-se pensar que, sendo uma modalidade nova de atendimento psicanalítico de crianças, possivelmente as famílias e os pacientes precisavam melhor entender como (e se) funcionaria.

Segundo Barnett (2011), cabe ao profissional informar ao paciente (e aqui se estende aos pais) sobre os riscos e os limites da terapia on-line, assim como dos requisitos tecnológicos necessários para a sua realização. Combi-

nações quanto a como irão funcionar os atendimentos e os imprevistos, caso ocorram, também devem ficar bem estabelecidos e claros. Tem se mostrado necessário trabalhar com os pais as mudanças e rever algumas combinações como a importância do/a filho/a ter privacidade em casa, o pagamento e o auxílio dos pais para realização das chamadas de vídeo conforme combinadas com o terapeuta. Em se tratando de crianças, essas combinações precisam ser pensadas com o auxílio dos responsáveis, que são importantes aliados para a manutenção do novo *setting* terapêutico e do tratamento.

Apesar desses desafios, os profissionais de nosso estudo relataram que a maior parte das crianças se adaptou ao novo *setting* (61,1%). Isso pode estar relacionado com o advento da tecnologia e com as novas formas de relação que isso propicia, já que, para a geração das crianças nascidas no século XXI, o uso de mídias digitais faz parte do cotidiano (Plasencia, 2015). Desse modo, para além de desafios, é relevante pensar em potencialidades dessa forma de encontro.

Se antes sabíamos sobre a casa de nossos pacientes a partir de suas fantasias ou relatos, agora temos a possibilidade de conhecer concretamente a sua moradia, entrar em seus quartos, em seus mundos, e de trabalhar a partir disso. E se antes acessávamos o universo infantil através das caixas individuais, agora temos a oportunidade de conhecer uma parte privada e até então desconhecida dos nossos pacientes: eles podem usar esse diferente espaço para se apresentar de novas maneiras. Ao teorizar que as sessões são co-criações da dupla, Ferro (1995) contribui para essa discussão. A partir do que o autor propõe, pode-se pensar que cada paciente, junto ao terapeuta, também vai encontrar o seu jeito de fazer a sessão na modalidade on-line. A sessão segue sendo (e talvez seja ainda mais) uma criação da dupla.

Quanto à experiência de atendimento on-line de adolescentes, os resultados parecem indicar um posicionamento positivo dos profissionais em relação a essa modalidade de psicoterapia, uma vez que a maior parte deles referiu acreditar que esse tipo de atendimento é possível (94,9%) e que seus pacientes se adaptaram às sessões on-line (85,7%). Pode-se pensar que o funcionamento adolescente, com maior independência e domínio dos dispositivos tecnológicos, assim como com uma menor necessidade de participação ativa dos responsáveis, permita uma adaptação mais facilitada a essa modalidade. Os adolescentes costumam explorar seus temas de interesse na internet, buscar respostas para suas perguntas e, ali, encontram um campo aberto para as identificações, para a formação de grupos e até mesmo para a produção de fantasias (Kelles & Lima, 2017).

Por outro lado, conforme já discutido, a modalidade on-line impõe adaptações. Historicamente, as adaptações técnicas propostas na psicanálise costumavam surgir a fim de contemplar pacientes com demandas que a técnica clássica parecia não dar conta. Nesse sentido, as proposições de Ferenczi (1928/1992), relativas a pacientes com demandas quanto à necessidade, e não

quanto ao desejo, auxiliam a pensar as exigências que a vivência do isolamento social faz à técnica psicanalítica, uma vez que refletem “transgressões” necessárias à técnica clássica. O *setting* ampliado proposto por esse autor nos ampara para sermos psicoterapeutas nos novos tempos, tanto para as grandes catástrofes como para a apreensão e a inclusão dos recursos tecnológicos, ou seja, para quaisquer transformações, muitas vezes abruptas, do *setting* (Moura, 2020).

A adolescência propôs à psicanálise uma série de reformulações no que diz respeito ao modelo analítico clássico, sendo, historicamente, pauta de discordâncias entre analistas quanto à analisabilidade dos adolescentes (Ungar, 2004). De maneira semelhante, a pandemia, com os atendimentos on-line como única alternativa possível, exigiu a exploração de um novo *setting* (Moura, 2020). O cenário atual mostrou, por meios novos, caminhos anteriormente percorridos por autores (Ferenczi, 1928/1992; Klein 1961/1973; Winnicott, 1971/1975) que precisaram estabelecer enquadres modificados e específicos para o tratamento de pacientes que não poderiam ser atendidos com o método tradicional, entre estes, os adolescentes.

Aryan et al. (2015) comentam que a necessidade do paciente de comunicar e a do terapeuta de entender imperam e, assim, levam ambos a encontrar novas formas de simbolização para transmitir e para receber qualquer equivalente aceitável com os meios à sua disposição. Inclusive, estudos já demonstraram (Leffert, 2003; Aryan & Carlino, 2013) que o material presente na análise telefônica, por exemplo, é o mesmo material da psicanálise presencial, e que a diferença reside em que ambos, paciente e analista, quando há distância, devem criar um ambiente capaz de conter o processo.

Quanto ao *setting*, um aspecto importante a ser considerado é a privacidade, uma vez que a modalidade on-line pode borrar esses contornos. Mais psicoterapeutas de nosso estudo reportaram insegurança quanto ao sigilo nos pacientes adolescentes (31,6%) do que nas crianças (17%), o que remete às problemáticas típicas da adolescência. Sendo um período de ambivalências, o sujeito flutua entre a dependência e a independência extremas e, por vezes, exige vigilância e cuidado. Ao mesmo tempo, necessita de liberdade e de distância do controle dos pais. Assim, espera-se que os adolescentes prezem por momentos de privacidade para vivenciar suas experiências (Aberastury & Knobel, 1981) e isso inclui o tratamento, seja na modalidade presencial, seja na modalidade on-line.

Inclusive, outro achado que pode estar relacionado a isso, é que poucos terapeutas referiram a necessidade de inclusão da família nas sessões on-line dos adolescentes (7,3%). É plausível considerar que a família tenha um papel diferente quanto à construção desse espaço on-line com os adolescentes.

Pode-se pensar, por exemplo, que a participação direta dos responsáveis será menos necessária para algumas combinações como a plataforma utilizada nos atendimentos e o estabelecimento de um espaço privado. Nesse

sentido, pode-se traçar um paralelo também quanto à função dos pais na adolescência dos filhos. Segundo Urribarri (2003), a busca de autonomia do adolescente confronta as expectativas idealizadas dos pais. Desse modo, os progenitores precisam elaborar os lutos da perda do filho ideal e incestuoso, a fim de liberar os adolescentes para as possibilidades que o crescimento pode oferecer e de permitir que estes sintam prazer com as próprias aquisições. Assim, pode ser relevante trabalhar com os responsáveis a importância do sigilo e da privacidade do adolescente nesse contexto de psicoterapia on-line. E, junto a isso, trabalhar com o paciente para que ele mesmo também possa assegurar sua privacidade dentro do âmbito familiar.

Considerações finais

Este estudo buscou descrever e discutir a experiência de psicoterapia on-line no contexto de distanciamento social dos terapeutas vinculados ao CEAPIA, com enfoque nos atendimentos de infância e adolescência. Desse modo, este trabalho permitiu uma ampliação dos conhecimentos a respeito de um tema atual, porém ainda incipiente, na literatura psicanalítica.

Em um contexto pandêmico, percebeu-se ser fundamental que a flexibilidade, tantas vezes proposta por autores da psicanálise em situações diversas, acompanhasse o terapeuta, para que pudesse se adaptar ao novo *setting* virtual sem renunciar a parâmetros técnicos e éticos da psicanálise. O desafio pareceu ser a permanente luta pela manutenção do *setting* na mente do analista, apesar dos atravessamentos no enquadre e na escuta psicanalítica.

Em relação às limitações, o fato de não termos acessado a experiência prévia on-line dos psicoterapeutas especificamente em relação às crianças e aos adolescentes se mostrou uma questão que poderia ter auxiliado na compreensão do quanto os profissionais estão vivenciando práticas até então não experimentadas. Além disso, este estudo não avaliou a eficácia dos atendimentos on-line no contexto da pandemia. Dessa forma, a necessidade de outros estudos sobre o tema impera, especialmente os que enfoquem a eficácia deste tipo de atendimento, para nortear tecnicamente os profissionais que desejam atuar nessa modalidade.

Referências

- Aberastury, A. (2004). *Psicanálise da criança*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1972).
- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- American Psychological Association. (2020). *Connecting with children and adolescents via telehealth during COVID-19*. Recuperado em 15 de maio de 2020: <https://www.apa.org/topics/covid-19/telehealth-children>

- Aryan, A., & Carlino R. T. (2013). The Power of the establishment in the face of change: psychoanalysis by telephone. In J. Scharff (ed.). *Psychoanalysis online* (pp. 161-170). Londres: Karnac.
- Aryan, A., Briseño, A., Carlino, R., Estrada, T., Gaitán, A., & Manguel, L. (2015). Psicanálise à distância. Um encontro além do espaço e do tempo. *Revista Calibán*, 13(2) 60-67.
- Barak, A., Hen, L., Boniel-Nissim, M., & Shapira, N. (2008). A comprehensive review and a meta-analysis of the effectiveness of internet-based psychotherapeutic interventions. *Journal of Technology in Human Services*, 26(2/4), 109-160. doi: 10.1080/15228830802094429
- Barnett, J. E. (2011). Utilizing technological innovations to enhance psychotherapy supervision, training, and outcomes. *Psychotherapy*, 48(2), 103-108. doi: 10.1037/a0023381
- Cartreine, J. A., Ahern, D. K., & Locke, S. E. (2010). A roadmap to computer-based psychotherapy in the United States. *Harvard Review of Psychiatry*, 18(2), 80-95. doi: 10.3109/10673221003707702.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Regulamenta os serviços psicológicos realizados por meios tecnológicos de comunicação à distância, o atendimento psicoterapêutico em caráter experimental e revoga a Resolução CFP N.º 12/2005. Resolução CFP nº 011/2012*. Brasília, DF. Recuperado em 10 de maio de 2020 de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/Resoluxo_CFP_nx_011-12.pdf
- Conselho Federal de Psicologia. (2018). *CFP publica nova resolução sobre atendimento psicológico on-line*. Recuperado em 10 de maio de 2020 de <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-11-2018-regulamenta-a-prestacao-de-servicos-psicologicos-realizados>
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). *Resolução Do Exercício Profissional N° 4, De 26 De Março De 2020*. Recuperado em 10 de maio de 2020 de <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid-19?origin=Instituição>
- Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (2020). *Guia de orientação para profissionais de Psicologia [recurso eletrônico]: atendimento on-line no contexto da COVID-19*. Porto Alegre: CRPRS. Recuperado em 18 de maio de 2020 de http://crprs.org.br/conteudo/publicacoes/guia_orientacao_covid.pdf.
- Crestana, T. (2015). Novas abordagens terapêuticas – terapias on-line. *Revista brasileira de psicoterapia*, 17(2):35-43. Recuperado em 18 de maio de 2020 de http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=176
- Cuijpers, P., Donker, T., van Straten, A., Li, J., & Andersson, G. (2010). Is guided self-help as effective as face-to-face psychotherapy for depression and anxiety disorders? A systematic review and meta-analysis of comparative outcome studies. *Psychological Medicine*, 40(12),1943-1957. doi:10.1017/S0033291710000772
- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas Psicanálise IV* (pp. 25-36). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928).
- Ferro, A. (1995). O Sonho. In *A técnica na psicanálise infantil - a criança e o analista: da relação ao campo emocional* (pp. 103-139). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969). Duas histórias clínicas: o "Pequeno Hans" e o "Homem dos Ratos". In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 10. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).

- Freud, S. (1969). A história do movimento psicanalítico. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud A. (1971). Parte II: A teoria da análise infantil. In *O tratamento psicanalítico de crianças* (pp. 87-99). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Glenn, J., Sabot, L., & Bernstein, I. (1996). O papel dos pais na análise de crianças. In Glenn, J. (Ed.). *Psicanálise e psicoterapia de crianças*. (p. 239-258). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gutfreind, C. (2020). *Psicanálise infantil nos tempos do coronavírus*. Gaúcha ZH. Recuperado em 14 de maio de 2020 de <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2020/05/psicanalise-infantil-nos-tempos-do-coronavirus-cka5tne9300kj015nrcqsbwxc.html>
- Kelles, N. F., & Lima, N. L. (2017). Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. *Tempo psicanalítico*, 49(2), 202-233. Recuperado em 15 de maio de 2020 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&tlnq=pt.
- Klein, M. (1996). Simpósio sobre análise de crianças. In *Amor, culpa e reparação* (p. 164-196). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- Klein, M. (1973). *Narrativa da análise de uma criança: o procedimento da análise de crianças tal como observado no tratamento de um menino de dez anos*. Rio de Janeiro: Imago, (Trabalho original publicado em 1961).
- Leffert, M. (2003). Analysis and psychotherapy by telephone: Twenty years of clinical experience. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 51(1), 101-130.
- Morland, L. A., Hynes, A. K., Mackintosh, M. A., Resick, P. A., & Chard, K. M. (2011). Group cognitive processing therapy delivered to veterans via telehealth: a pilot cohort. *Journal of Traumatic Stress*, 24(4), 465-469. doi: 10.1002/jts.20661.
- Moura, L. (2020). *Psicanálise online e outras adaptações do setting: a elasticidade técnica 'saindo do armário'*. Recuperado em 26 de maio de 2020 de <https://docs.google.com/file/d/1dwijDqtxTzJTXqL9fWQ4L62kEE-vUhhW/edit?filetype=msword>.
- Oliveira, L. R. F., Gastaud, M. B., & Ramires, V. R. R. (2016). Participação dos pais na psicoterapia psicanalítica de crianças. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 18(2):78-95. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000692017>
- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2014). Psicoterapia pela Internet: viável ou inviável? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 18-31. doi:10.1590/S1414-98932014000100003
- Pieta, M. A. M., & Gomes, W. B. (2017). Impacto da relação terapêutica na efetividade do tratamento: o que dizem as metanálises? *Contextos Clínicos*, 10(1), 130-143. doi: 10.4013/ctc.2017.101.10
- Plasencia, C. T. R. (2015). Ferramentas contemporâneas: o uso do Skype e as novas formas de estar sem estar (Cartografias para um espaço analítico virtual). *Cáliban*, 13(1), 55-63.
- Proudfoot, J., Klein, B., Barak, A., Carlbring, P., Cuijpers, P., Lange, A., Ritterband, L., & Andersson, G. (2011). Establishing guidelines for executing and reporting internet intervention research. *Cognitive Behaviour Therapy*, 40(2), 82-97. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/16506073.2011.573807>
- Scharff, J. F. (2012). Clinical issues in analyses over the telephone and the internet. *International Journal of Psychoanalysis*, 93, 81-95. doi: 10.1111/j.1745-8315.2011.00548.

- Seager van Dyk, I., Kroll, J., Martinez, R., Emerson, N. D., & Bursch, B. (2020). COVID-19 Tips: Building Rapport with Youth via Telehealth. doi: 10.13140/RG.2.2.23293.10727.
- Siegmund, G., Janzen, M. R., Barbosa, G. W., & Gauer, G. (2015). Aspectos Éticos Das Intervenções Psicológicas On-line No Brasil: Situação Atual e Desafios. *Psicologia em Estudo*, 20(3), 437-447. doi: 10.4025/psicol estu.v20i3.2847
- Slone, N. C., Reese, R. J., & McClellan, M. J. (2012). Telepsychology outcome research with children and adolescents: A review of the literature. *Psychological Services*, 9(3), 272–292. <https://doi.org/10.1037/a0027607>
- Ulkovski, E. P., Silva, L. P. D., & Ribeiro, A. B. (2017). Atendimento Psicológico Online: perspectivas e desafios atuais da psicoterapia. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde*, 7(1): 59-68. Recuperado de: <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/4029/3229>
- Ungar, V. (2004) O trabalho psicanalítico com adolescentes hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38(3), 735-749.
- Urribarri, R. (2003). Sobre adolescência, luto e a posteriori. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 10(1), 47-70.
- Zimmerman D. (2004). *Manual de técnica psicanalítica: uma revisão*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971).
- World Health Organization. (2020). *Naming the coronavirus disease (COVID-19) and the virus that causes it*. World Health Organization. Recuperado em 10 de maio de: [https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/namingthe-coronavirus-disease-\(covid-2019\)-and-the-virus-that-causes-it](https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/technical-guidance/namingthe-coronavirus-disease-(covid-2019)-and-the-virus-that-causes-it)